

Letícia Carla Rodrigues Machado

**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O QUE DIZEM AS
MULHERES**

Uberlândia – MG

Julho/2019

Letícia Carla Rodrigues Machado

**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O QUE DIZEM AS
MULHERES**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção de Título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Lígia F. Galvão**

Uberlândia – MG

Julho/2019

Letícia Carla Rodrigues Machado

Violência nos Relacionamentos Amorosos: O que Dizem as Mulheres

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de Título de Bacharel em Psicologia. Orientadora: Profa. Dra. Lígia F. Galvão

Banca Examinadora

Uberlândia, 12 de julho de 2019

Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão

Universidade Federal de Uberlândia – MG

Profa. Dra. Miriam Tachibana

Universidade Federal de Uberlândia - MG

Profa. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga

Universidade Federal de Uberlândia - MG

Uberlândia – MG

Julho/2019

*A todas as mulheres que, a partir de seus relatos,
tornaram possível esse trabalho.*

AGRADECIMENTOS

À Banca Examinadora, professoras Miriam Tachibana e Tatiana Benevides, pela leitura atenta e apontamentos precisos.

À minha orientadora, Lígia Galvão, pela dedicação, confiança e ensinamentos.

À minha família, pelo carinho e incentivo.

Aos meus amigos Ana Cláudia, Marilda, Pedro e Tatiane, pelo apoio.

Ao meu amor, Pedro, pelo incentivo, ajuda e apoio fundamentais para a realização desse trabalho.

Resumo

O presente estudo buscou, a partir da análise do discurso dos relatos de mulheres que vivenciaram relacionamentos amorosos violentos, mapear os modos como elas próprias narram e interpretam suas vivências. Também se procurou discutir se, e de que forma, a construção social e histórica das noções de gênero, identidade de gênero e relações de gênero incide na constituição de condições propícias à violência nos relacionamentos. Para a consecução desses objetivos, foram tomados, como material, os depoimentos de cinco mulheres, colhidos em um site de compartilhamento de vídeos, que foram transcritos e analisados, por meio da utilização de elementos básicos do referencial teórico e metodológico da análise institucional do discurso. Após analisados individualmente, os relatos foram também analisados de forma transversal, destacando-se os aspectos, que, por sua recorrência, permitiram a construção de categorias temáticas. Estas podem ser tomadas como elemento constitutivo dos discursos em circulação, compartilhados socialmente, sobre a violência nos relacionamentos amorosos, comumente denominada “relacionamento abusivo”. A análise realizada sublinhou a relevância da construção imaginária de um parceiro e um relacionamento idealizado como perfeito, que parece operar como um ideal pré-existente ao encontro do parceiro que, posteriormente, será o autor das violências. Outro elemento de destaque vincula-se às dificuldades, mencionadas pelas depoentes, de reconhecer algum indício de violência no início do relacionamento. A culpabilização do companheiro, responsabilização unilateral pela violência sofrida, também é recorrente nos relatos, assim como o decorrente fracasso da relação em contraste ao discurso de que nenhuma mulher vítima dessa forma de violência teria culpa por ser agredida, nem responsabilidade por isso. Além disso, outro aspecto enfatizado nos depoimentos foi a dificuldade de falarem no assunto, a análise também evidenciou que as situações de violência vividas por essas mulheres parecem ter produzido profundas marcas emocionais e psíquicas. Assim, contar o que sofreram não só foi qualificado de difícil, mas parece ter exigido delas grande coragem e disponibilidade para se exporem e, mesmo, superar tais marcas. Todos esses aspectos ressaltam a importância de maiores estudos, pesquisas e ações de intervenção, no âmbito da psicologia, de modo que os profissionais da área possam ofertar serviços cada vez mais qualificados a mulheres vítimas dessa e de outras formas de violência.

Palavras-chave: Mulheres; Relacionamentos; Violência.

Abstract

The present study sought, from the discourse analysis of the reports of women who experienced violent love relationships, to map the ways in which they themselves narrate and interpret their experiences. We also sought to discuss whether and how the social and historical construction of gender notions, gender identity and gender relations affect the constitution of conditions conducive to violence in relationships. In order to achieve these objectives, the following statements were taken from five women, collected on a video sharing site, which were transcribed and analyzed using basic elements of the theoretical and methodological framework of institutional discourse analysis. After individually analyzed, the reports were also cross-sectionally analyzed, highlighting the aspects that, due to their recurrence, allowed the construction of thematic categories. These can be taken as a constituent element of circulating, socially shared discourses about violence in love relationships, commonly referred to as “abusive relationships”. The analysis underlined the relevance of the imaginary construction of a partner and a relationship idealized as perfect, which seems to operate as a pre-existing ideal to meet the partner who will later be the author of the violence. Another important element is linked to the difficulties mentioned by the interviewees to recognize any evidence of violence at the beginning of the relationship. The blaming of the partner, unilateral blame for the violence suffered, is also recurrent in the reports, as well as the resulting failure of the relationship in contrast to the discourse that no woman victim of this form of violence would be guilty of being assaulted, nor responsible for it. In addition, another aspect emphasized in the statements was the difficulty of talking about the subject, the analysis also showed that the situations of violence experienced by these women seem to have produced deep emotional and psychic marks. So telling them what they have suffered has not only been described as difficult, but it seems to have required them great courage and willingness to expose themselves and even overcome such marks. All these aspects underline the importance of further studies, research and intervention in the field of psychology, so that professionals in the area can offer increasingly qualified services to women victims of this and other forms of violence.

Key words: Women; Relationships; Violence.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2	Método.....	7
	2.1 Procedimentos.....	9
3	Análise.....	11
	3.1 O começo do relacionamento.....	11
	3.2 O relacionamento idealizado.....	13
	3.3 Vergonha e culpa.....	14
	3.4 Sinais.....	17
	3.5 “As agressões”.....	18
	3.6 O fim da relação.....	20
	3.7 Sobre falar.....	21
4	Discussão.....	24
5	Conclusão.....	27
	Referências.....	28
	Tabelas.....	29

1 Introdução

Beauvoir, em 1949, usou a questão “O que é uma mulher?” como ponto de partida para propor uma definição de gênero. Como uma das primeiras teóricas do feminismo a falar sobre a submissão feminina, Beauvoir propõe algumas respostas a essa questão. Primeiramente, indica a premência de que a pessoa se reconheça como tal, implicando, igualmente, o reconhecimento de que entre mulheres e homens há uma relação assimétrica em que “ele” constitui o polo positivo, o “todo”, e as mulheres constituem seu “negativo”, sugerindo limitações que seriam consideradas intrínsecas à mulher, em função do seu sexo biológico (Beauvoir, 2016). Destacando a alteridade como “categoria fundamental do pensamento humano”, a autora discorre sobre a relação sujeito/objeto, atentando para o fato de que a mulher é “o Outro” em relação ao homem, embora o sujeito-homem e objeto-mulher formem uma “totalidade” dependente, motivada por uma “necessidade biológica” (desejos sexual e de posteridade). Dependência e necessidade essas que, no entanto, para as mulheres, não foram sinônimo de libertação.

A definição de gênero proposta por Beauvoir considera gênero como uma construção social, resultado da determinação de posições diferentes, historicamente impostas aos homens e às mulheres, em virtude das diferenças biológicas, onde o gênero feminino é considerado “o Outro” em relação a um “Sujeito” masculino.

Butler (1993), mais recentemente, discute sobre gênero e formas de se relacionar a partir dos padrões heteronormativos. A heterossexualidade não é, porém, uma forma de viver a sexualidade circunscrita à intimidade. Ela deve ser atestada publicamente pelo enquadramento em padrões comportamentais que aludem à heterossexualidade. Assim, ser reconhecido socialmente como homem ou mulher será uma condição alcançada pela manifestação pública de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade.

É por isso que Butler (1993) afirma que o gênero é performativo, ou seja, produzido por modos de agir identificáveis como masculinos e femininos. Assim, a alegada existência de uma essência feminina ou masculina seria um produto dessa performance, e não o contrário. É a repetição reiterada desses comportamentos que cria a ilusão de que sua origem estaria em uma essência natural que precede e transcende a vida social, ou seja, as identidades de gênero são produzidas pelas regras de feminilidade e masculinidade que o comportamento de homens e mulheres supostamente apenas representa. Além disso, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais e históricas, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos. Gênero não se restringe a papéis sociais de homens e mulheres, mas atravessa e organiza o próprio social.

As identidades de gênero, dessa perspectiva, correspondem também a narrativas, geralmente as primeiras narrativas em que nos vemos envolvidos, e, por isso, costumam ser o ponto de partida para a construção das demais macronarrativas. Essas primeiras narrativas, porém, não equivalem à essência humana, não formam um núcleo imutável, uma vez que a capacidade de narração não presume ou se relaciona ao assunto da história que é contada; ela se refere somente ao processo formal de narração. (Benhabib, 1999.)

Foucault (1988) denomina como “biopoder” a constituição histórica das formas de poder que incidem sobre os corpos e os toma por objetos. De acordo com ele, o objetivo do biopoder é regular a conduta e a vida dos corpos, tanto dos indivíduos quanto das populações, a partir do que se considera normal ou patológico. Dessa maneira, tornam-se coisas os corpos dos indivíduos/populações, os quais devem agir e viver conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa. Esse poder, assim como a reprodução de modos de se relacionar a partir da interpretação de diferenças entre homens e mulheres, encontram-se arraigados nos pilares da sociedade heteronormativa e patriarcal, e são reproduzidos na forma de machismo e misoginia.

Como afirmam Cardoso, Guedes, Medeiros & Silva (2007), a violência contra a mulher é o resultado de relações de poder construídas ao longo da história pela desigualdade de gênero e consolidadas por uma ideologia patriarcal e machista. Dessa forma, a violência, quando praticada contra a mulher, implica na reprodução de relações de gênero, concebidas como essa assimetria naturalizada entre os lugares ocupados por homens e mulheres que se relacionam, amorosamente ou não.

Para Blay (2003), agredir, matar, estuprar uma mulher ou uma menina são fatos que têm acontecido ao longo da história em praticamente todos os países, inclusive aqueles ditos civilizados, dotados dos mais diferentes regimes econômicos e políticos. A magnitude da agressão, porém, varia: é mais frequente em países onde prevalece a cultura masculina e menor em culturas que buscam soluções igualitárias para as diferenças de gênero.

De acordo com Guedes (2006 como citado em Cardoso *et al*, 2007) essa forma de violência implica agravos à saúde física e mental das mulheres, limitando sua capacidade produtiva e prejudicando sua qualidade de vida e autoestima. O fenômeno constitui uma contradição que precisa ser identificada, compreendida e enfrentada no enfoque das relações de gênero para que as mulheres possam desfrutar das condições sociais de igualdade, pressupostas nos ideários da civilização ocidental, desde a modernidade, para todos os seres humanos. Ainda segundo ele, o fenômeno da violência de gênero constitui uma contradição que precisa ser identificada, compreendida e enfrentada no enfoque das relações de gênero para que as mulheres possam desfrutar das condições sociais de igualdade, pressupostas nos ideários da civilização ocidental, desde a modernidade, para todos os seres humanos.

Como afirmam Schraiber, d'Oliveira, França-Junior & Pinho (2002), no Brasil, nos últimos 40 anos, foram criados serviços voltados para a questão, como as delegacias de defesa da mulher, as casas-abrigo e os centros de referência multiprofissionais que têm focado,

principalmente, a violência física e sexual cometida por parceiros e ex-parceiros sexuais da mulher.

Em 2006, buscando dar conta de um fenômeno que vitimiza cotidianamente um grande número de mulheres em todo o país, cria-se, no Brasil, a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, visando coibir mecanismos de violência doméstica e familiar contra a mulher. Mattar (2016) nos conta que a Lei Maria da Penha recebeu esse nome em referência à mulher que sofreu inúmeras tentativas de homicídio, por seu companheiro, ao longo de vinte e três anos de casamento. A farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes ficou paraplégica em 1983, após ser alvejada por arma de fogo, disparada pelo marido. Em uma segunda tentativa de homicídio por afogamento e eletrocussão, ela decidiu denunciá-lo. O marido, o professor colombiano Marco Antonio Heredia Viveros, só foi punido 19 anos depois do julgamento, tendo permanecido apenas dois anos em regime fechado. Em razão desse fato, o Centro pela Justiça pelo Direito Internacional e o Comitê Latino-Americano de Defesa dos direitos da Mulher - CLADEM, juntamente com Maria da Penha, formalizaram uma denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, órgão internacional responsável pelo arquivamento de comunicações decorrentes de violação desses acordos internacionais. A Lei Maria da Penha criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e a Violência contra a Mulher; dispôs sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; alterou o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal. Dentre essas alterações, introduziu o parágrafo 9º no Art. 129 do Código Penal, possibilitando que agressores de mulheres em âmbito doméstico ou familiar sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. Tais agressores também não podem mais ser punidos com penas alternativas, como

o pagamento de uma cesta básica mensal, em reparação a seus atos. A legislação também aumentou o tempo máximo de detenção previsto de um para três anos; a lei criou, ainda, medidas que vão desde a remoção do agressor do domicílio à proibição de sua aproximação da mulher agredida (Mattar, 2016, p. 20).

O reconhecimento da violência contra mulheres – violência de gênero – como uma questão de saúde e a inserção da temática como objeto de estudos é recente. Construído em consonância com o contexto de luta do feminismo por visibilidade social e pela inclusão política do fenômeno, a partir da década de 1980, a produção de conhecimentos sobre violência no âmbito da saúde vem crescendo significativamente, constituindo também problemática inserida na agenda das políticas de saúde no Brasil (Oliveira, Gessner, Brancaglioni, Fonseca & Egry, 2016, p. 138).

Guedes, há mais de 10 anos já apontava para a necessidade de aprofundarmos a compreensão a respeito da complexidade desse problema, para desenvolvermos mecanismos para seu enfrentamento. Por ser uma questão que envolve tabu, aspectos morais, sociais e ideológicos, a vítima da violência conjugal, em geral, convive com o isolamento social e o silêncio, impostos por mecanismos psicológicos de defesa diante da violência, contra sentimentos de fragilidade e impotência diante do abuso de força física e psicológica pelo parceiro masculino (Guedes, como citado em Cardoso et al, 2007, p. 363).

Dessa forma, considerando a necessidade de estudos que ampliem a compreensão acerca da violência nos relacionamentos amorosos, assim com a relevância do tema, o objetivo geral de nosso trabalho foi o de mapear, pela análise de seus discursos, o que dizem mulheres que, tendo sofrido violência em seus relacionamentos amorosos, e após seu término, compartilharam publicamente essa experiência. Os objetivos específicos foram o de identificar elementos presentes na dinâmica psíquica dessas relações, buscando conhecê-los melhor, bem como o impacto de tais relacionamentos como percebido pelas mulheres que o narraram.

2 Método

A análise institucional do discurso, método formulado por Marlene Guirado e proposto como uma possibilidade de se desenvolver pesquisa e intervenção, no campo da Psicologia, se apoia na obra de Freud e no pensamento de Michel Foucault para desenvolver seus principais conceitos. Também os trabalhos do sociólogo Guilhaon de Albuquerque e do linguista francês Dominique Maingueneau são referências para o conjunto de conceitos essenciais (sujeito, instituição, análise e discurso) que constituem essa “estratégia de pensamento”, nos dizeres da autora (Guirado, 2009).

A noção de sujeito assumida por Guirado é aquela da Psicanálise Freudiana: um sujeito psíquico, sujeito do inconsciente, irredutivelmente singular – como suposto pela psicanálise – mas inevitavelmente social, relacional e, por isso, um sujeito matriciado nas instituições que faz e pelas quais se constitui como sujeito.

Assim, a noção de instituição em Guirado não se confunde com a ideia de organização ou estrutura burocrática, porque ela traz um sentido ligado aos relacionamentos do sujeito, às formas como ele se insere nos grupos sociais e aos modos como interage com a alteridade.

Já a noção de discurso, que também possui uma conceituação própria, baseada no pensamento foucaultiano, traz a esse conceito o sentido de um ato, concreto, que não é mero veículo de representações ou ideias, ou apenas aquilo de que se fala. Discurso, nessa perspectiva, é a própria prática dos sujeitos que se relacionam e, por se relacionarem, instituem modos de (se) falar, de comunicarem valores, ideias, pensamentos, etc... O que chamamos de discurso, então, na perspectiva da análise institucional do discurso, evidencia a ideia de que instituição, tal como explicitado pela autora, apoiada nos estudos sociológicos de Albuquerque (1978, como citado em Guirado, 2009), é definida como a repetição de um conjunto de relações sociais que se repetem e se legitimam, enquanto são repetidas. (Albuquerque, 1978 como citado

em Guirado, 2009, p.36). Isso nos leva a admitir, com a autora, que a vida social se faz sempre pelas e nas instituições.

Podemos dizer, então, que a instituição, concreta, se faz evidente nos próprios modos de dizer dos atores concretos, que se encontram em relação. Ou seja, quando o sujeito fala de si e de suas percepções, ele o faz também a partir de um lugar institucional, imaginariamente ocupado por ele, com base no modo como ele próprio se vê e é visto.

Do mesmo modo, na medida em que se reconhece o discurso como o elemento evidenciado pelos atos concretos de pessoas concretas, que se relacionam entre si, sua análise vai nos contar tanto dos modos de dizer/pensar dos sujeitos, como das relações que esses sujeitos estabelecem uns com os outros e com as situações das quais falam e de possíveis sentidos que atribuem a elas.

Considerando, então, os estudos qualitativos, em Psicologia, que se propõem analisar a dinâmica das relações humanas, a análise institucional do discurso se apresenta como um método possível e capaz de oferecer marcadores relevantes para a compreensão dos elementos que movem, impactam, definem a(s) subjetividade(s) e seu psiquismo.

Importa ressaltar, ainda, que eleger a análise institucional do discurso como abordagem para a compreensão da lógica discursiva dos depoimentos aqui apresentados implica ter claro não haver resultados previsíveis, nem antecipáveis, antes da efetivação da análise do material colhido. Por sua vez, e considerando a materialidade dos discursos, entende-se que os modos de dizer presentes nas entrevistas analisadas não serão tomados apenas como modos singulares de dizer, mas, também, como ditos que contam dos discursos que se encontram em circulação a respeito do tema deste trabalho.

2.1 Procedimentos

O material utilizado para este estudo foi obtido a partir de vídeos disponibilizados na plataforma de compartilhamento de vídeos conhecida como Youtube. A escolha por essa fonte de busca foi motivada pela constituição do Youtube como uma plataforma potente em relação ao alcance do conteúdo publicado, assim como o fácil acesso a ela.

Usando a ferramenta de busca da mencionada plataforma, foram pesquisados vídeos pela inserção de palavras-chave como “violência doméstica” e, também, “relacionamento abusivo”. A utilização dessas palavras-chave se deu considerando-se a nomenclatura popular usada para se referir ao fenômeno da violência contra a mulher, nos relacionamentos amorosos, quando praticada pelo companheiro.

Os critérios utilizados para a seleção dos vídeos eram que as mulheres estivessem falando de situações vivenciadas por elas próprias, na condição de vítimas, e a garantia de que elas tivessem liberdade para falar livremente, sem interferências que pudessem alterar substancialmente suas narrativas.

Após a escolha do primeiro vídeo, usou-se a ferramenta “reprodução automática” para procurar outros vídeos com a mesma temática. Nesse momento de levantamento do material, 13 vídeos foram assistidos. Destes, oito foram excluídos por não preencherem os critérios de inclusão, chegando-se, assim, ao total de cinco vídeos. Após a escolha dos vídeos a serem analisados, foi realizada a sua transcrição literal, seguida da análise em duas etapas – primeiro individual e depois em conjunto.

Dos vídeos selecionados, um era resultado de uma entrevista concedida a um programa televisivo; outro era uma gravação apresentada em um programa de auditório, no qual a mulher discursava para a plateia, enquanto os outros três vídeos eram gravações postadas pelas

depoentes em seus próprios canais do Youtube, no formato de *vlog*¹. Uma tabela contendo demais informações sobre os vídeos analisados pode ser encontrada na seção de anexos.

No momento da gravação dos vídeos analisados, o relacionamento com o agressor já havia chegado ao fim.

Embora se trate de material de veiculação pública, os nomes completos das participantes e de outras pessoas citadas em seus relatos foram omitidos.

¹ Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos.

3 Análise

Este capítulo apresenta o texto resultante do trabalho de análise do material. Primeiramente, foram analisados os depoimentos, um a um e, depois, analisamos o conjunto constituído pelos cinco depoimentos, cruzando os dados obtidos pela análise individual e estabelecendo categorias temáticas, surgidas da própria recorrência desses temas, nos depoimentos.

Abaixo, são apresentados os temas de maior recorrência e aqueles tópicos que, ainda que não tenham sido recorrentes, julgamos relevantes e dignos de destaque.

Lembre-se que, de todo modo, e seguindo os princípios que regem o método que utilizamos, os discursos analisados não configuram somente a narrativa de cada depoente, mas o discurso em circulação, no momento de sua produção, sobre a experiência vivida por elas. Assim, os modos de dizer das mulheres responsáveis pelos discursos que aqui analisamos, isto é, a forma de cada uma delas falar sobre o relacionamento, o parceiro, as agressões sofridas, o sofrimento, as dificuldades, o rompimento da relação, seus efeitos, etc... são, eles, o nosso interesse primordial, uma vez que dizer de qualquer situação que se vive é, também, dizer de si. E dizer de si é, também e simultaneamente, dizer do mundo que nos circunda, a partir das diversas formas e dos diversos níveis de apreendê-lo.

3.1 O começo do relacionamento

O primeiro ponto importante a se ressaltar é que, quando falam do começo do relacionamento ou de quando conheceram o parceiro, essas mulheres parecem considerar que tudo estava perfeito. Essa ideia de perfeição, que aparece quando citam o companheiro como alguém com muitas qualidades, sugere que essas mulheres teriam idealizado o que seria o relacionamento e o parceiro perfeitos, com qualidades ideais, e projetado esses ideais no

parceiro que acabaram de conhecer. Mesmo considerando que cada mulher conta de uma experiência particular, todos os relatos compartilham de semelhanças quando falam do início do relacionamento. Podemos considerar se essas semelhanças se devem à presença de normas culturais, pelas quais educa-se as mulheres para que encontrem um companheiro e construam uma família, sendo isso considerado como o que todas as mulheres deveriam almejar e pelas quais a feminilidade está associada a ser feminina para atrair um companheiro.

A viagem, até então, era pra ser uma viagem dos sonhos, uma viagem a casal né, ia ser... eu achava que ia ser incrível. [TVR-01]

[...] Vocês não têm noção do que era esse cara. O cara mais lindo que eu já vi na minha vida, ele era o cara mais incrível. Pra mim, eu colocava ele em cima de um pedestal, juro, era surreal. [TVA-07]

Durante muito tempo dentro desse relacionamento eu acreditei que eu estava no melhor relacionamento da minha vida. Um cara que me entendia, que estava disposto a conversa, desconstruído, porque era essa imagem que ele passava, não só para mim como para o mundo. [VDB-07]

Além disso, observe-se também que, quando o parceiro não é mencionado por suas características heroicas, a entrevistada o menciona como alguém a que encontrou após o término de um relacionamento anterior, quando sentiu necessidade de se envolver romanticamente com alguém:

Eu lembro que, eu tinha 21 anos, e eu tinha acabado de sair do meu primeiro relacionamento sério, onde eu era noiva, né, e eu era muito infantil gente, né? Eu não posso deixar de comentar isso. Eu era uma pessoa muito infantil, muito impulsiva, né? E o meu relacionamento acabou que não deu certo. Então, quando eu tinha 21 anos, naquela época que a gente usava aí, né, as salas de bate-papo para conversar, eu conheci o pai do M. e... enfim, eu estava muito machucada com o fim desse relacionamento e acabei conhecendo ele. [VDC-07]

Eu precisava. Era uma necessidade, me envolver com qualquer pessoa. Apenas para não me sentir tão mal, tão sozinha, como eu estava me sentindo. Eu não gostava dele. Foi um relacionamento onde eu nunca gostei dessa pessoa, eu nunca senti amor por essa pessoa [...]. [VDC-08]

Em todos os relatos é possível notar o companheiro como um depositário de ideais e expectativas, que giram em torno do que culturalmente é posto sobre o parceiro e o relacionamento ideal, e o que se observa é a projeção dessas idealizações no parceiro acabaram de conhecer.

3.2 O relacionamento idealizado

A mesma idealização do parceiro também aparece quando se trata do relacionamento:

É, nossa, era... quem olhava a gente nas redes sociais falava: “é um casal perfeito.”. Eu também achava que era um casal perfeito. Era tudo lindo, tudo lindo. Era viagens, altas declarações de amor, era uma coisa maravilhosa. Pois é. [TVA-09]

Por muito tempo eu achei que eu estava em um relacionamento ótimo, que, pra mim, não tinha nada de errado [...]. [VDA-05]

[...] Tudo parecia muito perfeito, nós tínhamos planos pessoais e profissionais juntos. As coisas pareciam que estavam todas caminhando pra aquilo que eu sempre quis, sabe? Aquilo que eu sempre esperei dentro de um relacionamento. Que a pessoa fosse compatível comigo não só pessoalmente, mas politicamente, profissionalmente sabe, ideologicamente [...]. [VDB-11]

Assim como é recorrente a exaltação do relacionamento e do parceiro, “perfeito”, cheio de qualidades também parece recorrente, e ligada a isso, a dificuldade de acreditar que um tal parceiro fosse capaz de atitudes violentas. Além disso, a forma como as mulheres apresentam o companheiro, como uma pessoa com muitas qualidades, pode mostrar uma necessidade de convencer os ouvintes da dificuldade de se imaginar o companheiro como alguém capaz de atitudes violentas:

Isso é uma coisa muito difícil de perceber, e de admitir, que a pessoa que você ama e que você tem como seu companheiro, podia ter te matado, sabe. Que quase te matou. Para mim, é até meio difícil acreditar que aquilo tinha acontecido comigo. Só parecia que eu estava meio que vivendo um pesadelo horrível, sabe. [VDA-08]

Eu percebi que algo devia tá errado quando ele começou a se mostrar muito agressivo. Não comigo, de começo, mas com as coisas que

aconteciam. Se acontecia alguma coisa que desagradava ele, que saía dos planos dele, que não ocorria de acordo com o que ele achava que tinha que ocorrer, a reação dele sempre era muito extrema, era sempre agressiva. Ele jogava as coisas, ele ficava extremamente violento mesmo, mas eu não queria acreditar e nem queria imaginar que aquela agressividade fosse vir para cima de mim, em algum momento, como obviamente aconteceu. [VDB-13]

[...]Como que eu ia me convencer, de que uma pessoa, que era um artista, que era amigo de todo mundo, legal com todo mundo, como que essa pessoa podia ser, na verdade, a pessoa que estava me violentando? Uma pessoa violenta, um abusador[...]. [VDB-15]

A dificuldade em enxergar o parceiro como um agressor parece, então, associar-se ao ideal de parceiro construído e alimentado (imaginariamente) por essas mulheres, já que um agressor não poderia ser visto como parceiro ideal. Neste caso, observa-se que as entrevistadas parecem tentar um distanciamento ou uma espécie de negação dos comportamentos agressivos do parceiro, não só ignorando-os, como “não acreditando” que estavam ocorrendo.

3.3 Vergonha e culpa

Vergonha e culpa são dois termos muito frequentes nos depoimentos analisados. O sentimento de culpa comparece mencionado tanto quando os depoimentos evocam diretamente as cenas em que sofreram a violência – parecendo aproximar as narradoras dos sentimentos vividos naqueles momentos - como quando falam da elaboração posterior ao relacionamento – momento no qual parecem se distanciar de tal sentimento, atribuindo-o exclusivamente ao ex-companheiro, que passa a ser identificado como o culpado pelo fracasso do relacionamento.

Eu fui condicionada a pensar que era normal, que a culpada de tudo aquilo era eu, que eu fiz isso porque... ele fez isso porque eu merecia, porque eu o irritava muito e eu realmente acreditava. Eu falava: “eu preciso melhorar, eu preciso evoluir.”. Ele falava para mim direto: “J, eu sei que eu te trato mal, mas se você quer que eu mude você tem que mudar de atitude.” Assim que eu fiquei sendo condicionada [...]. [TVA-04]

E, pra mim, quando eu sentia a dificuldade de sair daquele relacionamento, e eu vi que eu não tava conseguindo fazer isso, eu só

me sentia fraca, e eu tinha vergonha disso, sabe? E hoje, eu falo isso sem vergonha nenhuma porque eu tenho total consciência de que nada que aconteceu comigo foi minha culpa. Em nenhum momento, absolutamente nada do abuso que eu sofri, da violência que eu sofri, foi minha culpa, porque a culpa nunca é da vítima [...]. [VDA-11]

E sempre que acontecia algo de errado, a culpa era minha. Por exemplo, se a gente brigava e ele ficava muito irritado com a situação, e jogava as coisas longe, e quebrava, eventualmente, alguma coisa que era dele, a culpa era minha, porque a gente brigou e ele ficou irritado por minha causa, e aí por minha causa ele jogou as coisas longe, e aí por isso a culpa era minha, por algo dele ter sido quebrado por ele mesmo. [VDB-20]

A vítima não é obrigada a nada. Você é a vítima. Tenha isso na sua cabeça. Nada é sua culpa, nada é sua obrigação. Você tem que fazer o que for melhor para você [...]. [VDB-27]

A culpabilização da vítima, fenômeno em que se atribui à mulher a culpa pelas violências sofridas, principalmente sexuais, vem sendo criticada pelo feminismo. Observe-se que as mulheres cujo discurso estamos analisando parecem se apropriar dessa ideia, produzindo, entretanto, uma noção de total isenção de responsabilidade por terem começado ou se mantido no relacionamento, mesmo quando ele já se explicitava como violento. Assim, embora explicitassem ter depositado sua confiança nos parceiros, ao atribuírem a eles a “responsabilidade” de ser o companheiro idealizado, não se encontra, nos depoimentos analisados, qualquer sinalização explícita de auto responsabilização pela escolha do companheiro ou pelo abuso da confiança nele depositada. Ao invés disso, aquilo que poderia ser pensado como responsabilidade delas próprias, pelas escolhas feitas – ainda que não deliberadas – se confunde com a noção de culpa e, dessa forma, não haveria como culpabilizar a vítima, senão como um ativo processo de revitimização.

Essa culpabilização do parceiro também figura nos trechos em que relatam o início do relacionamento, atribuindo ao companheiro a maior responsabilidade por gerar o envolvimento entre os dois:

O meu relacionamento com R. faz muito pouco tempo, eu conheci ele faz dois meses e comecei oficialmente há um mês. Eu não queria fazer essa viagem porque achava muito cedo e tal, aí ele: “Vamos, vai ser bem legal”. Aí os meus amigos: “Vai, G...”. E fui, né[...]. [TVR-01]

*E aí, um dia, a J. conheceu o Fulano. Aí a gente entra na primeira parte, no nosso primeiro passo de um relacionamento abusivo. A parte que **ele faz você se apaixonar** como ninguém. A parte que **ele faz você acreditar** que você encontrou a pessoa certa e que vai ficar assim para sempre, que vai ser a coisa mais feliz do mundo e que o mundo inteiro tem que explodir para você ficar e viver uma linda história de amor[...]. [TVA-08, grifo nosso]*

[...] A pessoa procura conhecer tudo de você. Vai te envolvendo, para conhecer os seus pontos fracos. Vai te envolvendo para que você acredite que ele é uma coisa, quando na verdade ele é outra. [VDB-10]

É de se considerar, desse modo, que a relativa ausência de reflexão sobre a idealização do parceiro e do relacionamento, prévia ao próprio acontecimento, sugere não haver, também, uma compreensão mais abrangente daquilo que uma relação dita, frequentemente, como abusiva, pode implicar.

Ora, a própria eleição da terminologia (“relacionamento abusivo”) sugere o entendimento de que algum limite foi ultrapassado, ou seja, alguém que abusa talvez tenha apenas ultrapassado um limite pré-estabelecido. A grande questão seria compreender que tipo de limites estão pressupostos, aí.

Nesse sentido, é possível pensar que um dos abusos envolvidos poderia ser o abuso da confiança depositada no parceiro: um alguém perfeito, *incrível, legal, desconstruído*, enfim... alguém cujo “poder” parece ser inflacionado pela idealização de sua parceira, futura vítima de suas agressões.

3.4 Sinais

Um aspecto recorrente, presente em todos os relatos, é a transição do relacionamento, entre um momento onde acredita-se ter encontrado o parceiro ideal e quando essas mulheres começam a perceber que estão em um relacionamento violento.

As depoentes falam sobre uma “*evolução*” pela qual a relação passou, contam como o comportamento do parceiro foi mudando e como essa mudança, no princípio, foi ignorada. A análise de seus enunciados indica que as depoentes tentavam se distanciar das situações de violência que já estavam acontecendo, e faziam isso, a princípio, ignorando os sinais de que alguns aspectos da relação não ocorriam da forma planejada.

Isso também parece se relacionar com a forma como elas enxergavam o parceiro quando o conheceram e a todas as qualidades que atribuíram ao companheiro.

Os primeiros sinais, pra mim, de um relacionamento abusivo, era quando ele bebia e ele ficava muito agressivo[...] hoje eu percebo essas coisas como sinais do que veio a acontecer depois, mas, na época, eu acho que eu só não prestei tanta atenção, eu não dei tanta importância pra isso. [VDA-06]

Eu percebi que algo devia tá errado quando ele começou a se mostrar muito agressivo. Não comigo, de começo, mas com as coisas que aconteciam. Se acontecia alguma coisa que desagradava ele, que saía dos planos dele, que não ocorria de acordo com o que ele achava que tinha que ocorrer, a reação dele sempre era muito extrema, era sempre agressiva. Ele jogava as coisas, ele ficava extremamente violento mesmo, mas eu não queria acreditar e nem queria imaginar que aquela agressividade fosse vir para cima de mim, em algum momento, como obviamente aconteceu. [VDB-13]

Com o decorrer do tempo, aquele cara, que se mostrava tão disposto a dialogar, começou a mudar completamente. Sempre que surgia alguma questão, ele se tornava, imediatamente, agressivo, começava a brigar, começava a gritar, dizia que não queria conversar. [VDB-14]

Nessa transição, entre um relacionamento idealizado, até o momento em que as mulheres percebem a violência como elemento presente na relação e/ou no parceiro, situações de violência já estão acontecendo.

Percebemos uma tentativa, por parte das depoentes, de se distanciar desses aspectos não condizentes com o parceiro e o relacionamento que idealizaram, ignorando esses aspectos quando eles começaram a aparecer. Apesar de a agressividade aparecer como o primeiro sinal de que algo não ocorria de acordo com o que as depoentes esperavam da relação, é também o primeiro aspecto associado diretamente ao parceiro (“*ele ficava muito agressivo*”; “*ele começou a se mostrar muito agressivo*”; “*ele se tornava, imediatamente, agressivo*”). Assim, ainda que relatassem que a agressividade surgia em decorrência de alguma situação, adversa, elas passam a identificá-la como uma característica ou uma atitude do parceiro.

3.5 “As agressões”

As narrativas analisadas trazem, todas elas, o relato das agressões sofridas pelas mulheres. Nestes relatos, evidencia-se que diferentes formas de violência foram praticadas, muitas vezes na mesma ocasião:

Teve uma vez que eu coloquei os cachorros para dentro de casa sem lavar a patinha e ele tinha lavado a casa inteira. E ele falava... ele me empurrou no chão e falou assim: “J., como é que você faz isso? Você não respeita o meu trabalho. Agora vou te mostrar como é que eu me sinto quando você faz esse tipo de coisa.”. Aí eu falei: “Tá bom, mas só, que que é? Como que é? O que que eu fiz?”. Aí ele falou... ele pegou, foi até o quarto, abriu uma garrafa de ice tea, olhou para minha cara bem cínico, virou a garrafa e falou assim: “Agora limpa. Pega um pano, ajoelha e limpa.”. Aí eu fui, peguei o pano: “Ai meu deus do céu, meu Deus do céu.”. Limpei. “Tá bom.”. Aí ele: “Tá bom.”. Ele levantou, foi, pegou bituca de cigarro, jogou no chão: “Agora limpa.”. “Tá bom, eu vou limpar.”. Foi no prato, sujou o prato lá e falou: “Agora limpa.”. Eu fui lá, limpei: “Tá bom, tá bom, tá bom, tá bom.”. Aí ele me empurrou e falou assim: “Você não sabe fazer nada direito mesmo, você não presta nem para limpar a casa, vai pegar uma cândida que eu limpo.” [...]. [TVA-20]

E ele passou... isso se passou mais de... quase uns 40 minutos, com o meu celular, no mundo. Ele viu uma mensagem, no meu celular,

chamando uma amiga minha para ir pra uma festa no interior, na minha cidade. Quando ele abriu a porta do quarto, ele já abriu e entrou me dando pancada, ele é bem grande, e começou: “Sua vagabunda, você tava chamando H. para ir em festa de interior!”, aí ele deu um tapa na minha cara que eu caí na cama. Ele dizia: “Eu vou quebrar seus dentes!”, e eu ficava nessa posição assim (encolhida), tentando me defender, e ele batia muito, muito forte [...]. [TVR-07]

Eu tava arrumando o armário e um vidro de perfume caiu no meu pé, no meu dedo. Eu precisava muito ir ao médico e não tinha a menor condição de ir sozinha, porque eu não conseguia colocar o pé no chão, e ele ficou extremamente irritado que aquilo tava acontecendo. Eu estava em um estado de desespero tão absoluto, porque eu tava sentindo tanta dor, e ele me xingando de todos os nomes que vocês possam imaginar, de tudo. Eu não preciso entrar em detalhes do que eu ouvi, mas foram coisas extremamente pesada. Eu passei a noite inteira, a noite inteira, com muita dor. Eu perdi as contas de quantas vezes eu chorei de desespero, no chão. [VDB-18]

[...]A primeira agressão aconteceu, ainda no namoro né, onde eu lembro exatamente que ele me deu um empurrão e me derrubou[...]. A segunda vez, eu lembro que foi um tapa. E que eu fiquei bem chateada, mas, tudo bem. Eu acho que um sofrimento a mais não iria fazer diferença, e eu acho que é aí que a gente se engana, sabe[...]? [VDC-09; VDC-11]

Então, indo mais à frente, eu lembro que engravidei. Sofri várias agressões grávida. Eu lembro que chegou uma época que ele me agredia, mesmo no meio das pessoas. A gente fez uma viagem, e nessa viagem ele foi me bater, e foi um dia que eu revidei, assim. Foi horrível. [VDC-18]

Teve uma vez, que a minha irmã acabou presenciando. O M. era pequeno ainda, ele devia ter uns 10 meses, e eu lembro que a gente saiu, de manhã né, eu falei: “Olha, a gente vai sair um pouquinho.”, e tal, e quando a gente voltou, ele veio gritando para cima de mim. Ele estava escovando os dentes, pegou o creme dental, cuspiu e passou na minha cara assim, foram coisas bem horríveis, assim[...]. [VDC-27]

As entrevistadas citam agressões em público, muitas vezes perto de amigos e familiares, mas não dizem se houve tentativa, por parte dessas pessoas, de intervir de algum modo. Não se sabe, a partir dos relatos, se houve alguma tentativa de intervenção por parte de pessoas que presenciaram essas situações quando as agressões estavam acontecendo.

As agressões citadas também parecem passar por um processo de intensificação, em frequência e gravidade, associada à percepção das vítimas de que o relacionamento não era

aquilo que se havia idealizado, conforme se davam conta de que estavam sendo violentadas. Essa percepção evolui até o ponto em que elas se dão conta, de uma maneira ou outra, de que suas vidas estão em risco.

3.6 O fim da relação

Quando contam sobre o fim do relacionamento, é recorrente, entre as autoras dos depoimentos que analisamos, a consciência de que, caso o rompimento não tivesse ocorrido naquele momento, elas poderiam ter morrido, em futuras agressões.

Para sair do relacionamento, as depoentes contam que precisaram desde o auxílio da família, de profissionais – dentre eles profissionais da saúde – e uma das entrevistadas relata a recorrência a forças de segurança pública. Além disso, a percepção do risco de vida, bem como o entendimento de que o parceiro não mudaria, também aparecem quando dizem de como saíram do relacionamento.

Bom, como que eu saí dessa? Eu saí né, tô aqui contando para vocês. Minha mãe me obrigou a começar a fazer terapia. Ela começou a sentir alguma coisa não tava certa. Tinha alguma coisa errada. Eu comecei a fazer terapia e não deu um mês de terapia, a terapeuta falou assim: “Você tá vivendo uma situação de violência doméstica.” [...]. [TVA-22]

Quando eu fui na psiquiatra ela falou assim: “[...] Eu vou falar com seus pais. Amanhã, às sete da manhã eles estão aqui.”. Fomos às sete da manhã, na consulta, e ela falou assim: “O negócio é o seguinte: ou vocês tiram a J. de casa a força, se ela não sair até amanhã por livre e espontânea vontade, ou ele vai matar ela.”. É o próximo passo, da violência doméstica, que graças a Deus eu não cheguei: “Ele vai matar ela.”. [TVA-23]

E quando eu cheguei no Brasil eu já fui diretamente pra Delegacia, fui diretamente pra Delegacia da Mulher, já me colocou com medida protetiva, ele não podia chegar perto de mim[...]. [TVR-19]

Como que foi, para mim, sair desse relacionamento abusivo? Chegou um ponto em que eu só pensei que eu tinha dois caminhos. Ou eu passava o resto da minha vida apanhando e sofrendo abuso, porque eu

não conseguia ver como aquilo podia mudar. Dentro do relacionamento, só não tinha nenhuma esperança de que aquilo ia mudar, porque nada estava acontecendo para aquilo mudar. E, a outra opção era, claro, eu sair desse relacionamento e tentar reconstruir a minha vida. [VDA-13]

[...]O dia da libertação, foi o dia fatídico, onde ele ameaçou a minha vida, né, fisicamente, a minha... a vida do meu filho, com uma faca, ameaçando colocar fogo, na casa, enfim. Mas naquele dia, foi o dia que eu resolvi me libertar, né? O dia que eu falei: “Não, eu não posso mais passar por isso.” [VDC-29]

Chama a atenção, quando contam sobre como saíram do relacionamento, a consciência da própria vida em perigo. Além, disso, como abordado a seguir, as depoentes também contam da dificuldade que sentiram ao falar do que vivenciaram, e a dificuldade em perceber o parceiro como alguém capaz de atitudes violentas. Destaque-se que em alguns casos as depoentes citam a dificuldade em sair do relacionamento, mesmo sem conseguir explicar a origem dessa dificuldade, o que sugere ser também difícil reconhecer o parceiro como alguém capaz de colocar sua vida em risco.

3.7 Sobre falar

Um aspecto recorrente é a dificuldade que as depoentes dizem ter para contar suas histórias. Contar de uma experiência íntima e particular, e disponibilizar esse relato para amplo acesso parece implicar uma exposição não desejada. Porém, alguns ganhos, segundo elas, justificariam essa exposição. Entre eles estão uma forma de dar um novo sentido à experiência vivida, chamar a atenção para o assunto e ajudar outras mulheres que passam pela mesma situação.

Com certeza, o que eu tô fazendo agora, é uma das coisas mais difíceis que eu já fiz na minha vida. Por mais que você pense que já está tudo resolvido dentro de você, existem cicatrizes que doem. Por mais que elas sejam cicatrizes, sabe, uma ferida cicatrizada, dói, sempre vai

doer. Tem uma parte da gente que sempre vai doer, quando a gente fala de relacionamento abusivo. [VDB-03]

Oi pessoal. Hoje eu vou tentar filmar um vídeo que eu sei que vai ser o vídeo mais difícil que eu faço pra esse canal, e vamos ver se eu consigo filmar ele até o final[...]. Até hoje ainda é muito difícil pra mim falar sobre isso, seja com as minhas amigas, ou com, sei lá, psicólogas, imagina com milhares de pessoas na internet. [VDA-01]

Eu quis fazer esse vídeo, principalmente, por dois motivos. Um, porque eu acho que ele pode ajudar outras pessoas que estejam ou estavam na mesma situação que eu estava[...]. Eu espero que esse meu relato possa ajudar alguém aí fora. Se ele ajudar uma pessoa, pra mim, esse vídeo já valeu a pena. E, também, porque eu queria muito conseguir fechar, um pouco, esse capítulo na minha vida[...]. [VDA-02; VDA-03]

Daqui pra frente, pra mim tudo ainda é muito difícil de lidar. Demorou esse tempo todo, mais de um ano de que eu saí desse relacionamento, só pra eu conseguir vir aqui e falar com vocês sobre isso, porque eu acho que se eu tivesse tentado fazer isso, tipo, há alguns meses atrás, e não teria nem conseguido abrir boca, porque eu ia só parar na frente da câmera e começar a chorar compulsivamente. [VDA-21]

[...]E por que que é tão difícil fazer esse vídeo? Porque para eu falar sobre isso, automaticamente, eu tenho que lembrar de tudo que aconteceu, né? Eu acho que é por isso que torna tudo mais difícil[...]. [VDC-06]

Quando dizem sobre o que as levou a gravar um vídeo, ou contar sua história, o desejo de ajudar outras mulheres aparece repetidas vezes e a forma de alcançar esse objetivo, para elas, é por meio do próprio relato. Contar suas experiências, e disponibilizá-las em vídeos, pode ser entendido como uma tentativa de alertar outras mulheres que estejam na posição onde elas já estiveram, quando não conseguiam reconhecer a agressividade e outros sinais de situações de violência no relacionamento. Nesse sentido, suas falas indicam que, para elas, valeu a pena enfrentar suas dificuldades e expor suas histórias para alcançar outras mulheres na mesma situação.

Além disso, por se tratar de algo difícil de se fazer, quando conseguem falar do relacionamento e do que vivenciaram, as depoentes parecem se sentir recompensadas, mesmo

considerando a exposição causada pela publicação de seu relato, quando conseguem falar do que vivenciaram.

Chama a atenção como esse sentimento de recompensa, quando conseguem contar suas experiências, mesmo considerando a exposição à qual se submeteram, se relaciona com a dificuldade que sentiram para perceber a violência na relação, e conseqüentemente, a dificuldade para sair do relacionamento. Porém, as depoentes consideram mais a vontade de ajudar outras mulheres na mesma situação, e isso prevalece quando decidem compartilhar suas vivências.

4 Discussão

Como ponto de partida desse trabalho, a noção de gênero proposta por Beauvoir (uma construção social, resultado da determinação de posições diferentes, historicamente impostos a homens e mulheres, em virtude das diferenças biológicas) foi um conceito que permeou todos os relatos analisados.

Essa noção implica na forma como as mulheres que tiveram seu discurso analisado vivenciaram os relacionamentos amorosos; a partir da romantização dos relacionamentos, o que se manifesta na forma como o parceiro era imaginado e as qualidades que ele deveria ter, qualidades essas que já estariam presentes, imaginariamente, como elementos fundamentais do parceiro perfeito.

Dessa forma, analisando o que disseram do parceiro, logo quando o conheceram, observamos que as depoentes diziam de sua crença de como de como acreditavam um parceiro ideal deveria ser, de como desejavam que esse companheiro fosse e o que achavam que ele seria, quando o conheceram.

As ideias de Butler (1993), no que se referem ao gênero performativo, também podem ser observadas relacionadas tanto ao sentimento de posse, onde entende-se como direito do homem objetificar a mulher e coloca-la como mero objeto em sua posse, tanto quando dizem sobre a agressividade do parceiro, agressividade essa que muitas vezes é expressada em público sem ser questionada.

A objetificação da mulher, visão da mulher como alguém que necessita de um homem para dar sentido à sua existência, é posta culturalmente, desde a romantização dos relacionamentos, cabendo à mulher usar da sua feminilidade para atrair um parceiro, até questões como a maternidade, onde ter filhos ainda é visto como a função da mulher, e a mulher que decide por não tê-los tem essa feminilidade questionada e é vista como uma mulher

“incompleta”. Além disso, quando decide não se expressar de uma forma considerada “feminina”, as mulheres têm sua feminilidade questionada.

A determinação do que cabe ou não a uma mulher fazer, ou como deve se expressar, beneficia os homens, que detêm o poder de impor padrões que os beneficiem. Dessa forma, a agressividade e o ciúme, entendidos como um sentimento de posse, entre outras coisas associadas ao masculino, não são questionadas, mesmo quando expressadas em público. Nesse sentido, mesmo quando percebem aspectos contraditórios no que se considera o parceiro ideal, as mulheres cujos discursos analisamos a princípio não questionam essas atitudes; apenas tentam se afastar, entendendo aquilo como algo intrínseco ao parceiro e atribuindo a si próprias a culpa pela manifestação desses aspectos, ou seja, de um certo modo, parece que essas mulheres entendem como direito do parceiro manifestar tais comportamentos.

O poder do homem em relação à mulher, nos relatos analisados, aparece relacionado à confiança depositada por elas nos respectivos parceiros. Essa confiança, primeiramente observada quando conhecem o parceiro e acreditam ter encontrado o homem ideal, também aparece relacionada à dificuldade de acreditar que uma pessoa em quem se confiou e a quem se atribuiu o poder de ser o homem idealizado, abusou não só da confiança delas, mas também do poder confiado a ele, talvez autorizando-o, ainda que involuntariamente, e sem perceber-lo, à violência que as vitimou.

Nesse sentido, observamos que as mulheres cujo discurso analisamos, enunciam não ter culpa pela violência que sofreram e suas tentativas de alertar outras mulheres parecem girar em torno de tentar desconstruir a imagem que se tem dos agressores, no sentido de que não se pode acreditar que uma pessoa que, no princípio, era incrível, possa se transformar em um agressor. Ou seja, parece haver uma culpabilização e uma condenação do parceiro, enquanto as mulheres são colocadas como inocentes.

Nessa perspectiva, é interessante considerar que as depoentes relatam que não conseguiram sair do relacionamento quando os primeiros sinais de violência apareceram. A partir disso, podemos considerar que sair da relação parece ser, para essas mulheres, o que deveria ser feito, mas não foi, devido à dificuldade de enxergar os primeiros sinais de violência

A literatura que utilizamos neste trabalho aponta também para os agravos que a violência de gênero implica à saúde física e mental das mulheres. Nesse sentido, percebemos que, para as depoentes, falar do que vivenciaram é difícil, uma vez que o relacionamento é, de certa forma, revivido quando falam sobre ele. Quase todas elas afirmaram que precisaram de tempo para conseguir, de fato, falar sobre o que vivenciaram e que só o fizeram porque consideraram que era importante alertar outras mulheres que passam pela mesma situação.

Por fim, a narrativa das depoentes, que contam sobre profissionais de diferentes áreas que entrevistaram, prestando o auxílio necessário para que elas conseguissem romper a relação, e o fizessem em segurança, indica a necessidade de se discutir a qualificação dos profissionais da saúde para ofertar suporte a mulheres vítimas de violência nos relacionamentos amorosos.

5 Conclusão

Esse estudo pode ser considerado uma tentativa de mapear, a partir da análise do discurso, as narrativas de mulheres que viveram situações de violência nos relacionamentos, saíram do relacionamento e decidiram dar seus depoimentos; qual seu entendimento sobre essas relações; o que elas dizem sobre si; o que dizem sobre o parceiro e a relação com ele, antes e após o fim do relacionamento e, a partir disso, entender a dinâmica dessas relações.

A análise realizada aponta para a construção imaginária de um parceiro e um relacionamento idealizado como perfeito, o que parece operar como um ideal pré-existente ao encontro do parceiro. Além disso, as depoentes contam de uma dificuldade em reconhecer algum indício de violência no início do relacionamento.

A culpabilização do companheiro, responsabilização unilateral pela violência sofrida, também é recorrente nos relatos, assim como o decorrente fracasso da relação em contraste ao discurso de que nenhuma mulher vítima dessa forma de violência teria culpa por ser agredida, nem responsabilidade por isso.

Além disso, também foi recorrente nos depoimentos a dificuldade de falarem no assunto, o que evidenciou que as situações de violência vividas por essas mulheres parecem ter produzido profundas marcas emocionais e psíquicas. Assim, contar o que sofreram não só foi qualificado de difícil, mas parece ter exigido delas grande coragem e disponibilidade para se exporem e, mesmo, superar tais marcas.

Nesse sentido, o levantamento alguns aspectos que se repetem em diferentes relatos pode contribuir para o entendimento da violência nas relações amorosas, além de evidenciar a necessidade de mais estudos sobre a violência e suas manifestações, principalmente nos relacionamentos amorosos, visando a maior compreensão do fenômeno, assim como o conhecimento e preparo de profissionais a quem essas mulheres solicitam auxílio.

6 Referências

- Aronis, J. (2019, março 19) A minha história de amor virou um pesadelo. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=FFdgiQqyQNg&t=8s>
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo: fatos e mitos* (3. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1949).
- Benhabib, S. (1999). Sexual difference and collective identities: the new global constellation. *Signs*, 24(2), 335-61.
- Blay, E. A., (2003). *Violência contra a mulher e políticas públicas*. Estudos Avançados, 17(49), 87-98.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"* (1. ed.). New York: Routledge.
- Cardoso, E. A. C., Guedes, R. N., Medeiros, A. T., Silva, C. (2007). *Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero*. Revista Eletrônica de Enfermagem, 09(2), 362-378.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. Albuquerque & J. A. Gilhon de Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).
- Giampaoli, J. (2018, abril 10) Meu relacionamento abusivo. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=tkhRiAp419M&t=3s>
- Guirado, M. (2009). A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Mattar, C. M. (2016). *Mulher, intimismo e violência conjugal: tecendo redes e histórias* (1. ed.). Curitiba: Editora Prismas.
- Morena, M. (2017, março 08) Relacionamento abusivo e violência doméstica: minha história. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=6tScAd-zoEI&t=9s>
- Muniz, G. (2018, agosto 09) Estudante de odontologia fala sobre agressão que sofreu do ex-namorado em viagem. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=JEcR0KcGsos&t=5s>
- Oliveira, R. N. G., Gessner, R., Brancaglioni, B. C. A., Fonseca, R. M. G. S. & Egry, E. Y. (2016). *A prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) na adolescência: uma revisão integrativa*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 50(1), 134-143.
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P. L., França-Junior, I. & Pinho, A. A. (2002). *Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde*. Revista de Saúde Pública, 36(4), 470-477.
- Soares, M. (2018, outubro 14) Meu relacionamento abusivo. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=oHcVvVO75ZU&t=617s>

Anexos

Tabela 1

Informações sobre os vídeos

	Tipo de vídeo	Visualizações	Inscrições	Likes	Deslikes	Comentários
TVA	Palestra em auditório	421.246	19.238.684	26.000	367	1.216
TVR	Entrevista p/ TV	293.809	101.379	3.300	267	839
VDA	Vlog	301.251	363.553	26.000	306	1.920
VDB	Vlog	98.986	36.411	7.600	94	(desativados)
VDC	Vlog	52.049	26.324	4.200	64	458